

Educação e meritocracia no filme “O clube do imperador”

Education and meritocracy in the film “The Emperor’s Club”

Educación y meritocracia en la película “El Club del Emperador”

Rister Saulo Machado Rocha¹  

Universidade Federal do Ceará

Antônia Rozimar Machado e Rocha²  

Universidade Federal do Ceará

Resumo

O presente artigo discute, a partir da contribuição do cinema, especificamente do Filme “O Clube do Imperador”, as temáticas educação e meritocracia. A pesquisa resulta de estudos em grupo decorrentes de um projeto de Extensão da Universidade Federal do Ceará, intitulado Cine Cena Social, que debate categorias à luz de filmes e documentários. Este texto faz inicialmente um breve histórico do cinema desde seu surgimento ao momento em que vai se tornando instrumento não só de entretenimento como de formação e politização, para, em seguida, adentrar nas especificidades educacionais tratadas no filme, bem como as técnicas cinematográficas utilizadas para abri-lhá-lo. No que se refere à metodologia, a pesquisa é de natureza qualitativa com uso de pesquisa documental e bibliográfica, na qual nos apoiamos teoricamente em autores que analisam cinema como Xavier (2017), Rancière (2012) e estudiosos da educação como Zabala (1998), Freire (2014), Saviani (2003), Brandão (1995), entre outros. Os resultados de nosso estudo, a partir do filme analisado, é que o modelo de educação e a meritocracia retratados no filme, são compatíveis com o atual modelo capitalista neoliberal que sobrepuja os interesses coletivos em função do individualismo exacerbado.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Meritocracia. Capitalismo.

Abstract

This article discusses, based on the contribution of cinema, specifically the film “The Emperor’s Club”, the themes of education and meritocracy. The research is the result of group studies resulting from an extension project at the Federal University of Ceará, entitled Cine Cena Social, which debates categories in light of films and documentaries. This text initially provides a brief history of cinema from its emergence to the moment when it became an instrument not only for entertainment but also for education and politicization, and then delves into the educational specificities addressed in the film, as well as the cinematographic techniques used to enhance it. The results of our study, based on the film analyzed, is that the model of education and meritocracy portrayed in the film are compatible with the current neoliberal capitalist model that overrides collective interests in favor of exacerbated individualism.

Keywords: Cinema. Education. Meritocracy. Capitalism.

Resumen

Este artículo aborda, a partir del aporte del cine, específicamente de la película “El Club del Emperador”, los temas de educación y meritocracia. La investigación surge de estudios grupales resultantes de un proyecto de Extensión de la Universidad Federal de Ceará, titulado Cine Cena Social, que debate categorías a la luz de películas y documentales. Este texto ofrece inicialmente una breve historia del cine desde su surgimiento hasta el momento en que se convirtió en un instrumento no sólo de entretenimiento sino también de formación y politización, para luego profundizar en las especificidades educativas que aborda la película, así como en las técnicas cinematográficas. solía alegrarlo. En cuanto a la metodología, la investigación es de carácter cualitativo mediante investigación documental y bibliográfica, en la que nos apoyamos teóricamente en autores que analizan el cine como Xavier(2017), Rancière(2012) y estudiosos de la educación como Zabala(1998), Freire (2014), Saviani (2003), Brandão (1995), entre otros. Los resultados de nuestro estudio, basado en la película analizada, es que el modelo de educación y meritocracia retratado en la película son compatibles con el actual modelo capitalista neoliberal que anula los intereses colectivos debido al individualismo exacerbado.

Palabras clave: Cine. Educación. Meritocracia. Capitalismo.

1 Mestrado em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Instituto de Cultura e Arte (ICA). Pós-Graduação em Artes (PPGArtes). Graduado em Sistemas e Mídias Digitais na Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas na Universidade Federal de Minas. E-mail: rstr.exe@gmail.com.

2 Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós-doutorado em Sociologia pela UFC. Professora na Universidade Federal do Ceará-Faculdade de Educação. E-mail: profa.rosemachado@gmail.com.



1. Introdução

Este artigo tem como objetivo central analisar a contribuição do filme “O Clube do Imperador” para compreender as problemáticas da meritocracia e da educação na sociedade capitalista. O estudo é resultado das atividades formativas do Projeto de Extensão Cine Cena Social (UFC) e apresenta questões no campo socioeducacional sobre o caráter meritocrático da sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que analisa aspectos técnicos do filme que contribuem para aprimorar as análises das cenas.

O Clube do Imperador (The emperor’s club) é um longa-metragem de 2002, com 1h45m de duração, dirigido por Michael Hoffman e tem como elenco principal Kevin Kline, Emile Hirsh, Steven Culp, Embert Davidtz.

Para análise de conteúdo do filme, destacamos três grandes temas: meritocracia, educação e capitalismo. Em nossas análises, estabelecemos relações com embates atuais e com propostas da extrema direita para a educação, na medida em que o filme traz cenas que lembram certos valores disseminados por alguns segmentos desses grupos. As análises serão permeadas pela contribuição tanto de teóricos do cinema, uma vez que examinamos questões técnicas do filme, como estudiosos da área trabalho e educação.

2. Metodologia

A pesquisa é de natureza qualitativa, com uso de pesquisa bibliográfica, debruçando-se sobre a leitura de autores tanto da área de cinema como trabalho e educação.

É também documental, especialmente tendo como fonte primária o filme “O clube do Imperador”, no qual examinamos, além das suas narrativas, algumas das técnicas cinematográficas utilizadas na produção.

3. Resultados e discussão

3.1. O desenvolvimento do cinema e a análise social pelas suas lentes

Antecedido pelo advento da fotografia, o surgimento do cinema apareceu, após décadas de experimentos, pelos franceses Louis-Jacques Daguerre e Joseph Nicéphore Niépce. A técnica fotográfica permitiu a criação do mesmo, inserindo movimento a uma sucessão de *frames*, imagens fotográficas em um curto espaço de tempo (Xavier, 2017).

Os irmãos Louis e Auguste Lumière em 1895, exibiram o curta “Sortie de L’usine Lumière à Lyon”, que retratava o cotidiano da saída dos trabalhadores da fábrica após um dia de trabalho. A projeção do filme, que continha 45 segundos de duração, foi feita no Café Parisiense, e foi suficiente para surpreender quem o assistiu, marcando o mundo das artes visuais, usando a sequência de imagens estáticas em movimento (Xavier, 2017).

Conforme afirma Xavier, “Durante quase todo um século, química, mecânica, fisiologia, óptica e eletricidade, criaram condições para que tivéssemos a emergência da técnica de registro e projeção cinematográfica.” (Xavier, 2017, p.22). Assim, a evolução do cinema na sociedade, expressa na história, o uso da técnica fotográfica e mais tardar sonora, na composição das obras.

Embora a fotografia já ocupasse um lugar social relevante, o cinema, por propiciar imagem em movimento, passava a se constituir como um novo espetáculo, tanto do ponto de vista do avanço técnico, mas também como uma arte, já que na época, era muito mais visto como um entretenimento. Bernardet destaca a minuciosa técnica desse processo:

O movimento cinematográfico é uma ilusão, é um brinquedo ótico. A imagem que vemos na tela é sempre imóvel. A impressão de movimento nasce do seguinte: “fotografa-se” uma figura em movimento com intervalos de tempo muito curtos entre cada “fotografia” (fotograma). São 24 fotogramas por segundo que, depois, são projetados nesse mesmo ritmo. Ocorre que o nosso olho não é muito rápido e a retina guarda a imagem por um tempo maior que 1/24 de segundo. De forma que, quando captamos uma imagem, a imagem anterior ainda está no nosso olho, motivo pelo qual não percebemos a interrupção entre cada imagem, o que nos dá a impressão de movimento contínuo, parecido com o da realidade. (Bernadet, 2012, p. 18-19).

Xavier (2017) chama atenção para o fato de que o diferencial da Sétima Arte é a reprodução das imagens em movimento e a incorporação do som às peças filmicas, promovendo a impressão de que é uma realidade. A união do fonógrafo ao cinema, gerando o cinema falado, proporcionou um colossal avanço na Sétima Arte. Para o autor:

Nas condições ideológicas que cercam o advento do cinema, é importante destacar estes três elementos que convergem na imagem cinematográfica: uma noção de objetividade visual que se encontra repetida pelo modo de ver da lente; uma valorização dessa objetividade como finalidade da representação e parâmetro de medida da figuração visual dos objetos; uma noção das aparências na qual o movimento é um componente privilegiado, logo decisivo na tentativa de reprodução (Xavier, 2017, p.32).

A relevância da incorporação da fala no cinema, é também destacada por Bazin em suas pesquisas. Segundo o autor, os anos de 1928 a 1930 “foram, efetivamente, os do nascimento de um novo cinema” (Bazin, 2018, 102).

Destarte, a arte é uma das mais legítimas e arraigadas manifestações de nossa humanidade. Ela atravessou a história e esteve presente nas mais diversas gerações e povos. O cinema como arte deve se reinventar como expressão de um povo, como um espaço em que se pode manifestar as formas de ver o mundo, de compreender a história e de se colocar presente nela.

Na criação e evolução do cinema, Xavier (2017) aponta que inicialmente, especialmente por parte da burguesia, não havia aceitação do mesmo como arte, uma vez que artes como o teatro, pintura, escultura e a música erudita eram prioritariamente consideradas como autênticas artes. A burguesia, assim, compreendia o cinema como um tipo de mercadoria tecnológica, no que se refere à técnica de captação, como a de reprodução.

A arte foi, assim, se constituindo como um instrumento de identidade de classe no conjunto das lutas revolucionárias que inauguraram o século XX. O autor Rancière assevera que “a emancipação social foi ao mesmo tempo emancipação estética, ruptura com as maneiras de sentir, ver e dizer que caracterizavam a identidade operária na ordem hierárquica antiga (2012, p.37). Além desse ponto, dada à sua reproduzibilidade mais acessível (visto uma produção que, após ser filmada, poderia ser reproduzida inúmeras vezes da mesma forma), o filme apresentava um custo significativamente menor de exibição.



Benjamin (2019) enfatiza o grande potencial do cinema pela sua capacidade de replicabilidade, uma vez que, diferente de outras artes plásticas como a pintura, por exemplo, o cinema poderia ter a matriz artística replicada (filme, película) e ser reproduzido em diversos e distintos espaços sem necessitar de grandes investimentos. A esse respeito, Trotsky (2006), revolucionário russo, afirmava:

[...] O pensamento volta-se de novo naturalmente para o instrumento mais poderoso por ser o mais democrático: o cinema. O cinema não carece de uma hierarquia diversificada, de brocados ostentosos, etc.; basta-lhe um pano branco para fazer nascer uma espetaculosidade [...]. Tal é o instrumento de que devemos saber fazer uso custe o que custar!” (Trotsky, 2006, p. 42/45).

Mesmo sem o apoio e prestígio burguês, o cinema seguiu sua jornada como uma arte que se expandia, inclusive, assumindo o papel de entreter as massas que, dada sua desigual condição na sociedade, possuíam poucas possibilidades de lazer.

Nesse sentido, o cinema cumpre uma importante função social no seu decurso histórico, manifestando-se através da imagem em movimento, como uma nova expressão da arte. A esse respeito, Benjamin destaca:

“Não é de hoje que uma das tarefas mais importantes da arte é produzir uma demanda cujo momento de solução completa ainda não tenha chegado. A história de cada forma artística tem momentos críticos em que essa forma aspira a efeitos que podem ocorrer livremente somente por um padrão técnico modificado, vale dizer, sob uma nova forma artística” (Benjamin 2019, p. 92-93).

O cinema começou a despertar interesse e ganhar destaque em camadas sociais mais financeiramente favorecidas quando, entre outros fatores, passou a se tornar objeto de estudo das instituições acadêmicas a partir dos anos 1920, não só no que se refere à análise técnica de reprodução, mas também no aspecto artístico e no conteúdo que transmitia. Sua consolidação foi fortificada pelas influências do Movimento Estético, que defendia a valorização da fruição artística, conferindo ao cinema, *status* de arte, mesmo com a crescente indústria audiovisual que replicava seus filmes a várias partes do mundo. Nesse sentido, “[...]o cinema percorre um projeto de legitimação, passando a ser objeto da atenção do erudito e parte do *corpus* sacramentado da cultura dominante. É o instante em que deixa de ser simplesmente cinema, diversão popular, e passa a ser sétima arte, pintura da luz, sinfonia visual”. (Xavier, 2017, p.22)

A inserção do cinema na sociedade foi permeada pelas necessidades de entretenimento cultural que influenciava inclusive sobre que tipo de obra seria produzida, ganhando características específicas para atender os desejos de divertimento de determinados grupos. A esse respeito, Xavier (2017) assinala que

O desenvolvimento do cinema como espetáculo dirigido para grandes massas estabeleceu determinadas condições e favoreceu a reiteração de certas características nos filmes. Estes se construíam em função de uma demanda social específica, em que os padrões de produção e consumo inscreviam-se numa tradição de cultura não erudita, com base em espetáculos populares de entretenimento e diversão, vindo a coexistir e, muitas vezes, substituir as atrações mais antigas como o circo, certas formas de teatro e show de variedades (Xavier, 2017, p.34).

Rancière (2010) argumenta que a arte já nasce política, antes mesmo de nos incumbir de rotular. Arte e política têm uma mesma origem, a começar na teoria da “partilha do sensível”, o autor assevera que a formação da política tem base nos encontros discordantes entre os pensamentos singulares, ou seja, política é estética, estética é política e, da mesma forma, a estética e política, é arte. Assim, mesmo que a produção de um filme não tenha tido a intenção de gerar determinados debates, sua partilha social permite que os telespectadores se apropriem sensivelmente dos temas abordados e até os ressignifique, utilizando a narrativa fílmica para gerar determinadas reflexões. É nesse sentido que recorreremos ao filme “O clube do imperador” para discutir sobre educação, meritocracia e capitalismo, como veremos a seguir.

3.2. Individualismo e meritocracia na sociedade capitalista: uma análise a partir do filme “O Clube do Imperador”

A história do capitalismo está solidamente encravada na meritocracia. Seus pilares de sustentação se apoiam na concepção individualista e na competição entre indivíduos por um almejado lugar no pódio da vida. Esta seção do artigo traz análises sobre meritocracia, educação e capitalismo, mediadas pela menção de alguns aspectos técnicos que ajudam a potencializar as cenas.

O filme *O Clube do Imperador* (*The emperor's club*) expressa com riqueza de detalhes o peso dos valores capitalistas no ambiente de uma escola norte-americana elitista, tradicional e competitiva, a St. Benedict's. O filme de 2002 tem como personagens principais o professor William Hundert (Kevin Kline) e seus estudantes que buscam, cada um à sua maneira, alcançar lugar de destaque em um concorrido concurso interno denominado “Senhor Júlio Cesar” e, assim, participar da prestigiada galeria da fama no rol dos melhores estudantes da escola.

Algumas técnicas utilizadas pela produção do filme contribuem sobremaneira para adensar suas cenas, exprimindo mais verdade ao enredo. Para além da posição espacial, existem valores, símbolos imagéticos que podem remeter à forma como são retratados os personagens. Uma câmera em um posicionamento de *plongée* (de cima para baixo), dá a ideia de que o personagem é menor, é fraco, enquanto câmeras em contra *plongée* (de baixo para cima), dão compreensão de empoderamento do objetivo/personagem retratado na produção. Estes artifícios são utilizados sobremaneira na produção de “O clube do imperador” para passar a ideia de empoderamento do professor sobre os alunos.

O filme apresenta um corte temporal significativo. A primeira fase, no ambiente escolar, ocorre 25 anos antes, para depois, ao final, apresentar cenas dos estudantes já adultos, com suas carreiras consolidadas, reunidos em uma cerimônia festiva.

A primeira fase do filme mostra Hundert como um professor carregado de práticas de ensino tradicionais, na medida em que adota diversos rituais como enfileiramentos impecáveis de cadeiras, sabatinas aos alunos, controles rígidos de horários, trajes formais e uma comunicação carregada de formalidades.

Apesar de sua conduta formal, muito apropriada para o tipo de escola que dá aula, o professor revela traços de carisma com seus alunos e de extrema preocupação com a formação de caráter. Uma das cenas em que se pode ver isso é quando Hundert solicita que Martin Blythe (Paul Dano) faça em voz alta uma leitura de uma placa que fica sobre a porta de entrada da sala de aula com



uma frase de Shrutuk Nahunt. Após a leitura, o professor afirma que embora a frase seja relevante, os feitos de seu autor não ficaram registrados em nenhum livro e que não adianta obter conquistas se estas não têm contribuições à história humana. Aproveita então a frase para indagar a turma sobre que contribuições eles trarão à sociedade e como serão lembrados pela história. Percebe-se pela prática do professor, que há uma preocupação em ir além do modelo tradicional expositivo. A esse respeito, Zabala (1998, p.27) afirma: “Por traz de qualquer proposta metodológica se esconde uma concepção de valor que se atribui ao ensino, assim como certas ideias mais ou menos formalizadas e explícitas em relação aos processos de ensinar e aprender”.

O filme mostra uma escola que preza pelo conteudismo e que tem como lema principal “o fim depende do início”, priorizando a formação de indivíduos adequados às demandas daquela época, embora a prática do professor revele comportamentos dissonantes da corrente tradicional como diálogo horizontal com alunos, entusiasmo ao abordar o conteúdo e estratégias de ensino que envolvem os alunos nas atividades pedagógicas.

A trama vai ganhando relevo a partir do momento em que Sedgewick Bell (Emile Hirsch), filho de um importante senador norte-americano adentra no universo tradicional e arcaico da escola, como aluno de Hundert.

Sedgewick Bell carrega em sua conduta traços fortes de prepotência, arrogância e indisciplina que incomodam fortemente o professor Hundert, que tem como propósito, além de ensinar os conteúdos de História, contribuir para desenvolver um conjunto de virtudes que considera essenciais para a vida em sociedade como honestidade, cordialidade, cooperativismo e compromisso. Bell é o oposto desses valores, causando profundo desconforto na relação entre ele e seu professor Hundert.

Bell cotidianamente buscava a popularidade na escola, quebrando suas tradicionais regras e agindo com prepotência, arrogância e indisciplina, provocando Hundert em todas as suas investidas para educá-lo. Após diversas tentativas de disciplinar seu aluno, Hundert comunica a Bell que procurará seu pai para informá-lo de seu comportamento, provocando no aluno visível desconforto.

No encontro com o Senador Hyran Bell, pai de Bell, Hundert, já em seu primeiro contato, é presenteado com uma arma de fogo histórica, numa clara alusão a um ato de prática de corrupção, recusado por Hundert. Este, no entanto, começa uma tentativa de diálogo manifestando sua preocupação com o aluno quando Hyran o pergunta: “deixe-me perguntar uma coisa: qual o valor do que você está ensinando?”. O Senador, beneficiando-se de sua posição de autoridade também o repreende severamente por Hundert afirmar que quer educar seu filho, Hyran afirma que esse papel é dele, que é pai, e que o papel de Hundert é ensiná-lo apenas os conteúdos escolares. Desapontado, o professor volta ao seu ambiente escolar e procura adotar outra metodologia com Bell, considerando que este precisa de apoio e de alguém que acredite nele.

As cenas seguintes, carregadas de um tom mais frio, azulado, passando a ideia de reflexão do professor, demonstram sua frustração com a ausência de parceria com o pai de Bell. Vemos na cena um professor melancólico pensativo, claramente inconformado, uma vez que pretende fazer por Bell muito mais que apenas ensinar os conteúdos. Saviani (2003, p. 13) afirma que “a educação

não se reduz ao ensino, este, sendo um aspecto da educação, participa da natureza própria do fenômeno educativo” (Saviani, 2003, p. 13).

A composição técnica da cena, com câmeras focando no rosto do Senador e de Hundert, ajudam a dar força ao diálogo, na verdade quase um monólogo, uma vez que Hyran leva quase todo tempo a desferir um discurso autoritário e individualista sobre a tentativa de Hundert de ensinar valores a seu filho. O diálogo nos transporta às investidas da extrema direita no campo da educação, especialmente no chamado Movimento Escola sem Partido, ao propor o controle daquilo que se ensina em sala, como se a educação escolar pudesse ser neutra. Para Brandão (1995, p. 73): “A ideia de que não existe coisa alguma social na educação; de que, como a arte, ela é ‘pura’ e não deve ser corrompida por interesses e controles sociais, pode ocultar o interesse político de usar a educação como uma arma de controle, e dizer que ela não tem nada a ver com isso”.

A partir dessas cenas do mal sucedido diálogo com o Hyran, Hundert utiliza o tradicional concurso “Senhor Júlio Cesar”, para estimular seu aluno rebelde. A solução parece funcionar, uma vez que Bell demonstra crescente interesse em vencer o concurso como forma de chamar a atenção positivamente de seu pai, que o trata com desdém e desprezo, como se ele fosse uma grande decepção pessoal em sua destacável carreira de Senador.

Para participar do Concurso “Senhor Júlio Cesar, os estudantes têm que passar por provas eliminatórias, nas quais somente três estudantes concorrem na cerimônia final, que consiste em um badalado evento com todos os estudantes da escola e as famílias dos três concorrentes, que se submetem a uma maratona de questões eliminatórias sobre História Antiga. É Hundert quem elabora as perguntas e conduz a cerimônia.

Os elementos da meritocracia próprios da sociedade capitalista vão aparecendo na obra fílmica na medida em que a história vai evidenciando o famoso concurso da escola. Uma das cenas emblemáticas é a que o diretor da escola, ao levar os estudantes para um passeio, os conduz à galeria dos grandes vencedores do concurso “Senhor Júlio Cesar”. A cena mostra a parede cheia de quadros dos estudantes ganhadores com coroas suntuosas de louros³ e vê-se claramente, nos olhos daqueles jovens, o desejo para figurar naquele painel de bens sucedidos estudantes.

A competição e a meritocracia são marcas colossais da sociedade capitalista. Desde cedo somos submetidos, nos mais variados espaços de sociabilidade humana, a concorrermos por um lugar no pódio, mesmo que saibamos que não existem tantos assim. No capitalismo contemporâneo, a adoção do modelo neoliberal desde os anos 1970 tem fornecido grande combustível para estimular práticas individualistas e competitivas, consequentemente meritocráticas. A própria lógica neoliberal se assenta na concepção de que é preciso garantir as liberdades individuais e estimular a competição, na medida em que esta é propulsora do melhor desempenho. Assim, para os neoliberais, a individualidade e a competição são notáveis mecanismos de ajuste social. Não obstante, a escola não fica incólume a essa pressão e tende a reproduzir os ideários meritocráticos e competitivos nas suas práticas cotidianas.

3 “A coroa de louros indicava um grande mérito, simbolizando a glória de quem a usava. [...] Várias histórias da mitologia grega contêm esse símbolo. Esse significado da coroa de louros também era muito conhecido dentro do Império Romano. O símbolo indicava a pessoa que detinha o controle total sobre o exército.” (disponível em <https://jafetnumismatica.com.br/significado-da-coroa-louro-radiada/>)



No contexto capitalista, a meritocracia é uma espécie de ajuste, de compensação para os efeitos provocados pela desigualdade social e está atrelada ao esforço pessoal de cada indivíduo. Assim, a lógica meritocrática carrega em si, em cada concurso, em cada exame, em cada avaliação, a promessa de que basta se esforçar para alcançar êxito, ignorando completamente as questões de classe, as condições tanto objetivas como subjetivas dos sujeitos sociais. Contudo, não basta ter habilidades e esforço para alcançar êxito, é necessário um conjunto de fatores, dos quais muitos estão relacionados à condição de classe dos indivíduos.

Na estrutura ideológica do capitalismo, a meritocracia impinge nos indivíduos a crença de que uma combinação de certas características – o talento, a atitude certa e o trabalho árduo – coloca alguns indivíduos no topo da estrutura de classes e isso lhes dá o direito de governar sobre os outros (McNamee; Miller, 2009). Ao mesmo tempo em que esse sistema meritocrático supostamente valoriza essas características especiais, ele blinda suas contradições inerentes para a população em geral (Wayne e Cabral, 2021, p.2).

Friedman (1985), um dos seus principais expoentes do neoliberalismo, advoga a necessidade de estimular a competição nos mais variados espaços sociais, como forma de garantir a excelência e a eficácia individual. Nesse sentido, qualquer conduta valorativa que se inspire na solidariedade, na fraternidade, na coletividade, é sobrepujada pela lógica de que competir eleva a performance e conduz o indivíduo à excelência e, com efeito, ao sucesso.

Bianchetti (1996), ao analisar a concepção de indivíduo no neoliberalismo a partir de Hayek, Friedman e Mises, principais expoentes do modelo, afirma que “os objetivos individuais devem ser soberanos e isso implica reconhecer no indivíduo o juiz supremo dos próprios objetivos. Os fins sociais se limitam às coincidências que se possam estabelecer entre objetivos individuais.” (Bianchetti, 1996, p.73).

Umas das expressões mais evidentes da meritocracia escolar na atualidade é a adoção de sistemas de avaliação em larga escala nas redes públicas. Se antes as escolas privadas eram enquadradas como depositárias de práticas competitivas, meritocráticas e individualistas, hoje as escolas públicas são também reféns dessa lógica neoliberal que prima por resultados em detrimento do processo.

Da escola pública, o neoliberalismo espera que formemos indivíduos pragmáticos e que os professores usem práticas pedagógicas neutras, que cumpram eficientemente a tarefa de ensinar conteúdos de forma objetiva, aqueles que julgam serem adequadas para que os sujeitos se insiram no mundo, com suas capacidades criativas e questionadoras, mas de forma passiva e adaptativa. Freire assevera que

[...] nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação. Desse ponto de vista, que é reacionário, o espaço pedagógico, neutro por excelência é aquele em que se **treinam** os alunos para práticas apocalípticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra (2014, p.95-96).

O filme, embora não aborde nenhum aspecto que possamos estabelecer uma relação direta com o capitalismo e seu modelo neoliberal, nos entrega relevantes diálogos que ajudam pensar essas questões socioeconômicas e outras educacionais, como as falhas éticas de um professor.

No filme, o cotidiano da escola demonstra a atuação de Hundert como um professor esforçado, que busca em sua prática pedagógica, resgatar a autoestima e a confiança de Bell de suas capacidades cognitivas e emocionais. Entretanto, a estratégia utilizada pelo professor é contraditória, na medida em que, ao tentar estimular o aluno, concede-lhes privilégios como o empréstimo de seu caderno pessoal de anotações sobre o conteúdo que cairá na prova do concurso “Senhor Júlio César”. Bell percebe ali uma oportunidade de uma virada em sua história de aluno e pessoa displicente e descompromissada para um estudante competente, brilhante e disciplinado.

Um conjunto de cenas se apresenta no filme dando a dimensão das avaliações eliminatórias. Como o tempo de realização de uma avaliação é grande, então a cena corta várias vezes, em um mesmo plano, mostrando a sala como um todo, e utilizando além de planos mais longos, cortes com esmaecimento, popularmente conhecidos por “fade”, que nos transporta de um plano para outro, com alunos sentados, depois se levantando, entregando a prova e saindo, a sala vai lentamente ficando mais vazia, nos dando a impressão de cansaço pelo vasto tempo da avaliação eliminatória.

Embora Bell tenha progredido em seus resultados avaliativos, o professor constata que ainda assim, embora que por pouco, o estudante não consegue alcançar a nota desejável para estar entre os três primeiros e, dessa forma, concorrer ao grande concurso “Senhor Júlio Cesar”. A cena é carregada de tensão, focando nas feições de frustração do professor e ao mesmo tempo de dúvida. Assim, Hundert, fiel depositário do senso de justiça e ordem, decide ajudar Bell, recorrendo às duas provas atribuindo-lhe pontuação suficiente para ficar entre os três melhores resultados e, com isso, coloca-o entre os concorrentes do concurso. O filme, naquele momento, quebra com a narrativa do professor “certinho”, justo e ético, para demonstrar uma personalidade de um profissional que fere seus princípios com o intuito de acertar e que usa uma manobra nada justa, uma vez que retira de outro aluno a possibilidade de competir, para favorecer aquele aluno que ele deseja ver superar suas limitações.

A narrativa prossegue apresentando o grande dia, o dia do concurso “Senhor Júlio Cesar”. A cena é carregada de simbolismos que nos transporta para o conteúdo da meritocracia, tanto pelos apelos estéticos, relacionados à própria composição da estrutura do lugar, como na atuação dos personagens. O lugar, na escola Sant Benedicts, é um auditório amplo, suntuoso; a plateia está composta por jovens alunos animados e eufóricos, diretor, professores e os pais dos três concorrentes; Hundert está impecavelmente vestido para a condução da atividade e de aparência sóbria e orgulhosa.

Bell adentra o espaço ovacionado, inclusive por seu pai, senador, presente na plateia. Seus dois colegas finalistas, Louis Masoudi e Deepack Mehta o seguem e os três ocupam lugar de destaque em um palco elevado. Todos estão vestidos com vestes que lembram a Grécia Antiga. O concurso tem um viés extremamente tradicional consistindo em um conjunto de perguntas sobre História Antiga que são feitas uma de cada vez para cada competidor que deve respondê-las prontamente. Hundert é o organizador do concurso, é quem elabora as questões e as faz aos competidores.



A competição se inicia em tom angustiante dos concorrentes e apreensivo do professor e a plateia assiste entusiasmada e eufórica, expressando muita estima por aquele tipo de atividade. O filme retrata sobremaneira a realidade da sociedade capitalista. Na mais tenra idade os indivíduos são lançados aos jogos das competições como se estas fossem elementos determinantes para sua sobrevivência. Assim, passam a naturalizar esse processo como se atos de competição definissem mais o trajeto de sociabilidade da humanidade do que as atitudes de cooperação mútua e solidariedade.

Masoudi é o primeiro a ser eliminado e, junto com Mehta, Bell segue acertando questões, embora demorando um pouco para responder. O ápice da trama se dá quando Hundert descobre que Bell está trapaceando, utilizando-se de colas fixadas em sua enorme toga, veste utilizada pelo trio de estudantes. O uso de *zoom in* ou *dolly in*, ou seja, a câmera fechando no professor e em Sedgewick, é muito bem utilizada nessa cena, ajudando a revelar o desespero, a raiva e o desapontamento de ambos, especialmente a decepção do professor pelo esforço que fez em ajudar Bell a estar naquela posição.

A desonestidade de Bell, flagrada por Hundert, ativa instantaneamente o senso de justiça do professor que decide substituir uma das questões, elaborando mentalmente uma outra pergunta que sabia que Bell não tinha como saber a resposta. A estratégia funcionou e o aluno não respondeu à pergunta, tornando Mehta o grande vencedor. Após o concurso, ao ser indagado pelo professor sobre porque usou de trapaça, Bell apenas afirma: “por que não?” A primeira parte do filme se desenrola demonstrando toda irreverência, indisciplina e descontentamento de Bell àquela escola, como resultado da frustração de não ter obtido o prêmio.

Uma reviravolta na narrativa nos leva a 25 anos depois. Esse é um dos momentos do filme que utiliza a técnica *jump-cut*. Consiste em cortar consecutivas vezes uma mesma cena, a fim de trazer a ideia de movimento temporal, para que o espectador compreenda que os 25 anos estão passando rapidamente ou vagorosamente.

Após uma sucessão de cenas de Hundert ano após ano, aparece a escola St. Benedict's, que passou por mudanças significativas, inclusive recebendo mulheres em seus quadros de alunos. Terence Woodbridge, diretor por muitos anos da instituição falece. Embora que Hundert fosse o nome mais indicado para assumir o lugar do diretor, dado ao fato de ser seu assessor imediato e ter várias aptidões para o cargo, é substituído por outro professor sob o argumento do conselho da escola que precisava de uma “pessoa mais jovem, mais ousada, que angarie fundos e doações”. Hundert, profundamente decepcionado, anuncia sua aposentadoria.

Depois de um tempo, o professor já aposentado e visivelmente sentindo falta de seu trabalho docente, recebe um telefonema da escola St. Benedict's que lhe solicita aceitar um pedido de Bell, seu antigo aluno, agora um bem-sucedido empresário, presidente de sua grande empresa. O pedido é para que Hundert permita uma revanche para Bell, conduzindo um novo concurso “Senhor Júlio Cesar” nas instalações do centro de lazer de sua luxuosa empresa, com os mesmos finalistas de outrora. Em troca, Bell faria uma vultosa doação para a escola St. Benedict's que iria resolver a crise financeira que ela atravessava.

Para o encontro Bell prepara um espaço formal, com palco, convida alunos da época e recebe Hundert com estima, demonstrando ser um exemplo de pai e esposo. No dia da cerimônia, os três finalistas da época aparecem com as togas por cima de seus paletós e a disputa se inicia. Os convidados, ex-colegas de escola de Bell e suas famílias, se surpreendem com o bom desempenho dele, na medida em que vai respondendo uma a uma pergunta, sem titubear. Um dos recursos técnicos do filme para expressar o empoderamento de Bell na competição, já adulto, bem sucedido, é a utilização da mudança de posicionamento vertical da câmera trazendo um *contra-plongée* (câmera de baixo para cima) bastante acentuado, dando a ideia de superioridade ao personagem, enquanto os outros, inclusive em muitas cenas, até a do professor que está mediando a competição, ser uma câmera na altura dos olhos.

Contudo, Hundert desconfia de Bell e percebe que mais uma vez está trapaceando, ao identificar um ponto de áudio no ouvido dele e do operador logístico da sala, além dos contatos visuais entre ambos, sempre que uma pergunta era feita. A cena traz movimentos de câmera, como *dolly in* ou *zoom in*⁴ que ajudam muito a valorizar o trabalho interpretativo dos atores, auxiliando, através do fechamento de quadro no rosto de cada um deles, a manifestação dos sentimentos retratados pelos personagens.

Hundert, imbuído pelo espírito de justiça, mais uma vez troca a pergunta e indaga-o sobre algo que somente quem era seu aluno e frequentava a sala de aula saberia. Bell perde novamente e mais uma vez Deepak Mehta sai vitorioso. Em uma manobra ardilosa, Bell comunica a todos que se lançará como senador e que o encontro objetivou apresentar aos presentes a sua candidatura. Seu discurso é ainda mais falacioso, afirmando eloquentemente e com carisma: “acho que todos nos preocupamos com a educação neste país e não só em escolas como St. Benedict’s, para nossos filhos, mas para todas as crianças do país, porque todos nos preocupamos com o futuro do país com sua liderança moral, com sua liderança fiscal.” Como vemos, é uma fala despida de qualquer senso de honestidade, focada em seus interesses individuais.

Um novo encontro entre Bell e Hundert ocorre no banheiro, quando o professor, tentando se recuperar de sua enorme frustração, o acusa de trair novamente sua confiança. Entretanto, Bell, sem qualquer traço de arrependimento, afirma que o que fez é legítimo porque está na defesa de seus interesses e usa a situação para humilhar o professor, demonstrando que seus métodos individualistas, desonestos e ambiciosos o levaram a ser dono de um império e Hundert continua sua vida como professor. Na mesma cena, carregada de emoção, Hundert faz uma afirmação de desabafo: “todos nós, em algum momento, somos obrigados a nos olhar no espelho e ver quem realmente somos e, quando esse dia chegar para você, vai se deparar com uma vida vivida sem virtude, sem princípios, e por isso sinto pena de você.” Bell demonstra claramente as marcas de sua postura egoísta e individualista ao afirmar:

O que posso dizer, sr. Hundert? Estou me lixando. Sério. Acha que alguém está se lixando pra isso, pra seus princípios e virtudes? Olhe pra você. O que tem pra mostrar? Eu vivo na realidade onde todos fazem o que é preciso pra vencer. Se for preciso mentir e trapacear, que seja. [...] Eu vou sair daqui e vou ganhar esta eleição...e você vai me ver em todo lugar.

⁴Esta técnica envolve a aproximação do plano fotográfico, por meio ou do movimento da câmera para fechar a imagem em um personagem ou por meio de um **zoom** da lente utilizada na câmera, a mesma ficando estática.



As últimas cenas do filme revelam dois importantes momentos: Hundert antes de partir da propriedade de Bell encontra Martin Blythe, o jovem que no passado deveria estar no lugar de Bell, já que Hundert havia baixado sua nota para dar lugar ao seu colega. O encontro saudoso, marcado pelo enorme respeito e estima de Blythe à Hundert, é ressaltado pela confissão do professor e seu pedido de perdão, e, após a surpresa de seu ex-aluno, segue o diálogo com a agradável fala de Blythe ao afirmar que ganhar aquele concurso não lhe fez falta em sua carreira profissional.

Outra cena de encerramento do filme mostra Bell, ladeado por sua esposa e filho, sendo entrevistado pela imprensa sobre sua candidatura ao senado. A fala que segue é mais um dos tantos diálogos do filme que demonstra a boa qualidade do enredo. Bell, de forma eloquente assevera:

Isso é muito importante para o povo deste país, acho importante porque meu pai, Hiram Bell me transmitiu seus princípios. Acho que este país precisa realmente da noção de certo e errado. Estamos falando em como podemos melhorar isso com a educação, para alcançar as crianças e ensinar a elas esses princípios, a noção de contribuição.

Hundert, ao se despedir de seus ex-alunos, recebe uma memorável homenagem e retribui afirmando:

O valor de uma vida não é determinado por um único fracasso ou sucesso solitário, meus outros alunos me ensinaram isso. Por mais que tropeçemos, o fardo de um professor é sempre esperar que o aprendizado possa mudar o caráter de um garoto e assim mudar o destino de um homem.

As cenas finais mostram Hundert voltando a lecionar na escola St. Benedict's, e recebendo como aluno o filho de Martin Blythe, deixando uma relevante mensagem de recomeço.

4. Considerações Finais

Este artigo pretendeu analisar, à luz do filme “O clube do imperador”, as questões meritocráticas e individualistas que se fazem presente na sociedade capitalista e, com efeito, no ambiente escolar.

Uma breve análise dos elementos históricos do cinema que o tornaram uma arte acessível às massas nos permitiu compreender seu caráter formativo, como instrumento para contribuir nas reflexões no campo social e educacional.

O estudo do filme “O clube do imperador” nos permitiu identificar, através de suas ricas cenas e de sua excelente narrativa, as problemáticas da meritocracia como umas das maiores marcas da sociedade capitalista que apregoa ser o sucesso ou fracasso, resultado do esforço e das estratégias que se utiliza para alcançar. Essa lógica, desconsidera as questões de classe e atribui ao esforço pessoal o mérito pelo sucesso.

Traçamos, ainda, paralelos com a educação brasileira, nas tentativas recentes da extrema direita de pregar uma educação supostamente neutra para afastar do ambiente escolar uma formação que contribua para pensar a sociedade.

Esteirado na lógica da competitividade, o neoliberalismo é o modelo capitalista que tem exacerbado o individualismo em detrimento dos princípios democráticos, solidários e coletivos.

Por fim, à guisa de concluir, destacamos que o cinema pode contribuir para pensar as problemáticas escolares uma vez que, através de suas produções, passamos a dialogar com as inflexões da escola e de seu contexto social, especialmente em tempos de capitalismo predatório que sucumbe as relações sociais e educacionais, convertendo tudo e todos a meras mercadorias.

5. REFERÊNCIAS

- BAZIN, André. **O que é cinema**. São Paulo: Ubu, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre, L&PM, 2019.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BIANCHETTI, Roberto. **Modelo Neoliberal e Políticas Educacionais**. São Paulo: Cortez, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e Liberdade**. São Paulo: Nova Cultura, 1985.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- A partilha do sensível: Estética e Política**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica**. 8ª. Edição. São Paulo: Autores Associados, 2003.
- XAVIER, Ismail. **Sétima arte, um culto moderno: idealismo estético e o cinema**. São Paulo: Sesc, 2017.
- ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: Como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- WAYNE. Michael. Cabral, Vinícius N. Capitalismo, Classe e Meritocracia: um estudo transnacional entre o Reino Unido e o Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, e117535, 2021.

Como citar – ABNT

ROCHA, Rister Saulo Machado; ROCHA, Antônia Rozimar Machado e. Educação e meritocracia no filme “O clube do imperador”. **Revista Poiesis Pedagógica**, Catalão/GO, Brasil, v. 22, e2024011, Dezembro, 2024.
<https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74816>

Como citar – APA

Rocha, R. S. M., & Rocha, A. R. M. e. (2024). Educação e meritocracia no filme “O clube do imperador”. *Revista Poiesis Pedagógica*, 22, e2024011. <https://doi.org/10.69532/2178-4442.v22.74816>



Apêndice – Informações sobre o artigo

Histórico editorial

Submetido: 10 de outubro de 2024.

Aprovado: 07 de dezembro de 2024.

Publicado: 22 de dezembro de 2024.

Conflito de interesse

Nada a declarar.

Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

Contribuição dos autores

Resumo/Abstract/Resumen: Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha; **Introdução ou Considerações iniciais:** Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha; **Referencial teórico:** Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha; **Metodologia:** Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha; **Análise de dados:** Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha; **Discussão dos resultados:** Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha; **Conclusão ou Considerações finais:** Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha; **Referências:** Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha; **Revisão do manuscrito:** Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha; **Aprovação da versão final publicada:** Rister Saulo Machado Rocha; Antônia Rozimar Machado e Rocha.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Poiesis Pedagógica os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Poiesis Pedagógica têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (**Open Access**) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (**Article Processing Charges – APCs**). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)**. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o artigo em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.



Verificação de Similaridade

Este artigo foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o software de detecção de texto **iThenticate** da Turnitin, através do serviço **Similarity Check** da Crossref.



Processo de avaliação

Revisão por pares duplo-cega (**Double blind peer review**).

Editora

Cláudia Tavares do Amaral 

Fomento

O artigo foi editado, diagramado e publicado com o apoio do auxílio financeiro concedido pela **FAPEG Edital nº 10/2023** – Programa de Apoio a Periódicos Científicos de Instituições de Ensino Superior do Estado de Goiás.



Publisher

Este artigo foi Publicado na **Revista Poiesis Pedagógica** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da **Universidade Federal de Catalão - UFCAT**. A Revista Poiesis Pedagógica publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da UFCAT. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na **Avaliação CAPES (2017-2020)** a Revista Poiesis Pedagógica obteve **Qualis B1**.

